1.º anno | Lisboa, 22 de setembro de 1884 | Numero 13

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha, D. G. Torrezão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim, Manuel d'Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; P. Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Estas carantonhas do tempo, que hoje se nos mostram horrivelmente negras e feias, para d'aqui a pouco se transformarem em sorrisos limpidos de sol e gargalhadas frescas de brisas doudejantes, assemelham-se, um tanto ou quanto, ás palinodias politicas das gazetas da nossa terra.

O jornalista F... dá uma descompostura tremendissima no seu collega G..., dizendo d'elle o que Mafoma não disse da carne de porco.

As apostrophes offensivas fervilham: as injurias amontoam-se: o bello epitheto insultuoso chove. Trovejam os doestos. Desencadeia-se uma tempestade de improperios. Fuzilam insidias. Relampejam cognomes feios. Faiscam imprecações medonhas.

Isto passa-se de manhã.

Ao cahir da tarde vae a gente encontrar o descomposto e o que descompoz, *bras dessous bras dessus*, flanando pela baixa, muito contentes n'uma premutação de sorrisos affectuosos e d'apertos de mão demorados.

Encontra-os á noite no Martinho trocando-se ternuras e copos de cognac.

Vê-os na camara, segredando confidencias a meia voz.

Descobre-os em toda a parte, dispensando reciprocamente palavras de paz e cortezias de *gentleman*.

EGREJA DE SANTO ILDEFONSO

Dura esta primavera de sorrisos affectivos o que duraram as rosas de Malherbe.

No dia seguinte, as mesmas injurias, reforçadas por um intervallo de vinte e quatro horas, a mesma tempestade de dichotes licensiosos. E ninguem já faz caso d'aquelle *dize tu direi eu* de soa

lheiro, ninguem já attenta nas variações thermometricas da descompostura soez. Que chova, que vente, o nosso indigena tem já, para aquella instabilidade do bom ou do mau tempo politico, a mais supina das indifferenças.

Dá-se exactissimamente o mesmo com esta quadra meio outonal meio estiva que atravessamos.

Hoje, um dia quente e alegre: a luz ardentissima e clara do sol vibrando fortemente no ether; o ceu, limpo de nuvens, a mostrar-nos a sua face azul muito lavada, sem arrebiques de pó d'arroz.

Cá em baixo, nos *trottoirs*, elegancias de cores vivas, bamboleando-se irrequietas; gommosos de rabona curta e collete branco a pavonearem-se agitadamente, sob uma temperatura de duas duzias e meia de graus.

Dentro dos theatros, um calor de estufa, que faz o desespero dos velhos pintados e que lhes reduz a gottas negras de suor corrosivo a chimica esqualida do bigode.

Amanhã, chuvas torrenciaes. Um friosinho impertinente requerendo flanellas confortaveis. Uma invernia subitanea, a provocar-nos desejos de recorrer ao sapato de duas sollas e ás roupagens fortes do dezembro preterito.

De manhã, entre as dez e as onze, um ar tepido e consolador, capaz de rejuvenescer octogenarios e de dar vida aos phthisicos condemnados. A' tarde, as nuvens a encastellarem-se caprichosamente no espaço, o boreas a soprar rijo, e... agua vae. A' noite, caretas do ceu, umas vezes; outras luar esplendido; densa escuridão agora, estrellas a fulgurarem d'aqui a pouco... uma perfeita caçoada do Altissimo á pobre humanidade sublunar, que já não sabe com que *toilette* ha de sair á rua e com que chapeu deva escudar-se para affrontar as iras atmosphericas.

E' por isso, minha querida e amavel leitora, que eu me não atrevo a annunciar-te dias bonitos nem feios.

O mez de setembro é traiçoeiro como os homens politicos, variavel como o coração das mulheres bonitas, inconstante como o amor dos vinte annos.

Quizera ser o teu borda-d'agua, quizera, mas esta quadra meio molhada meio abafadiça vae-se deslizando n'uma versatilidade extraordinaria de temperaturas, e eu não quero mentir.

Dar-te-hei sempre um conselho: areja, fóra do teu guarda-vestidos perfumado, as roupagens fortes do ultimo inverno, e prepara-te para as exhibires em *reprise*, quando a Judic nos visitar.

Porque a Judic vem, não sabes? Prometteu, (a troco de muitas libras esterlinas, entende-se) encantar os olhos dos nossos leões do *sport* com a sua plastica fascinadora e deliciar os ouvidos de nós todos com a sua voz crystalina e fresca, de que se desprende um mundo de tentações harmonicas.

O sanctuario que ha de receber aquella deusa da Arte é a Trindade.

Francisco Palha irá ao encontro da *diva*, envolvendo-a no melhor dos seus sorrisos acariciadores. Far-lhe-hão cortejo os bravos artistas d'aquella casa de espectaculo, e Judic, o portentoso genio dos palcos francezes, terá ensejo de contemplar de perto as respeitaveis ruinas *ubi Canaria fuit*.

Tu não conheces a Judic? Nem eu, mas tenho ouvido fallar. Curo por informações.

Tambem eu te não conheço, leitora, mas adivinho que és formosa e não me custa nada fanthasiar-te como tal. Vivo n'esta doce illusão, que queres?

A' força de me dizerem que a Judic é um portento de belleza, acreditei-o piamente, e ainda que ella se me apresente com uma feialdade diabolica, hei de jurar sempre que nunca se vio formosura egual.

Mas façamos um poucochinho de biographia para te orientar, e deixemos em paz os attractivos da mulher.

Anna Damiens Judic—chama-se assim o portento—nasceu em Semur, a patria do celebre critico Claudio Saumaise, aos 17 de julho de 1850. Completou, pois, trinta e quatro primaveras; encontra-se no pleno *desarrollo* da vida.

Já não se lhe póde chamar uma juventude exuberante de frescura, mas é uma frescura revelando mocidades.

Empregada, ao principio, n'um estabelecimento de roupa branca, sentio pruridos de trocar a agulha e a bretanha de linho dos enxovaes caros em que trabalhava, pela existencia aventurosa do theatro.

Estudou no conservatorio arte dramatica, aprendeu a cantar, e um bello dia estreiou-se auspiciosamente no *Gymnasio* de Paris. Do *Gymnasio* passou ao *Eldorado*; percorreu a Belgica provocando enthusiasmos delirantes; passou pelos *Buffos Parisienses*, occupando ali o primeiro logar, e ha oito annos escripturou-se nas *Variedades*, onde embasbacou os subditos de mr. Grévy na *Périchole*, na *Bella Helena*, etc.

Recentemente fez o seu repertorio variadissimo em Londres, Bruxellas, S. Petersburgo e Copenhague. Agora vem a Madrid, desafiando o cholera cheia d'audacia, e depois mostrar-se-nos-ha cinco vezes na Trindade, em outubro.

Póde ser que a bella *virtuose*, vindo de dois paizes inficionados, nos traga comsigo, na bagagem opulenta de trajes principescos, o terrivel microbio cholerico. Mas não importa. As coisas recebem-se como das mãos de quem veem, e nós teremos o maximo prazer em nos deixar inficionar por uma franceza galante e por uma actriz notabilissima, que se chama Judic.

Ainda hoje não cumpro a promessa feita na minha ultima chronica. Segredam-me que não tenho espaço, os tyrannos da typographia.

Fica para depois, sim?

C. DANTAS.

OS DIPLOMATAS PORTUGUEZES EM 1820

Não acolheram bem os ministros portuguezes nas côrtes estrangeiras o movimento revolucionario de 24 de agosto. Ligados todos mais ou menos pelo seu nascimento á antiga ordem de coisas, impregnados tambem, naturalmente, nos sentimentos politicos dos governos junto dos quaes estavam acreditados, sentimentos que eram n'essa occasião os menos liberaes possiveis, não podiam sympathisar com a revolução portugueza, e claramente mostraram ao governo provisorio a sua desaffeição.

O mais intelligente de todos os nossos ministros no estrangeiro, e o que melhor comprehendia o caminhar das idéas na Europa, era incontestavelmente o conde de Palmella, mas, tendo sido nomeado ministro dos negocios estrangeiros, partira para o Brasil, e ainda podéra, de passagem em Lisboa, dar aos membros da Regencia alguns conselhos salutares mas tardios. Substituira-o interinamente o famoso morgado de Matheus, D. José Luiz de Sousa Botelho, que foi de todos os ministros o que andou mais correctamente. Esse, ao menos, officiou ás côrtes dizendo cortezmente que não podia ter correspondencia official com o ministro por ellas designado sem auctorisação de Sua Magestade.

Antonio Saldanha da Gama, nosso ministro em Madrid, e que foi depois conde de Porto Santo, o marquez de Marialva, ministro em Paris, Francisco José Maria de Brito, ministro na Haya e D. Joaquim Lobo da Silveira, depois conde de Oriola e então ministro em Berlim, todos se recusavam a dar passaportes para os portos portuguezes, e alguns com circumstancias aggravantes.

Assim, Antonio de Saldanha não só officiava aos consules que d'elle dependiam, ordenando lhes que fizessem todos os esforços para manter incommunicavel o reino de Portugal, mas ainda ia ao famoso congresso de Laybach empenhar-se de certo para que a Europa esmagasse o regimen liberal em Portugal como se propunham esmagal-o em Hespanha e em Napoles.

O marquez de Marialva reunia em sua casa todos os inimigos do systema liberal, de fórma que na legação portugueza em Paris conspirava-se abertamente contra o regimen legalmente estabelecido em Portugal!

Francisco Maria de Brito, ministro nos Paizes-Baixos, escrevia artigos no jornal de Bruxellas, que eram tambem clarissimamente hostis ao governo das côrtes.

D. Joaquim Lobo da Silveira esse não só não concedia passaportes a quem vinha para Portugal, mas instava com o governo prussiano para que não consentisse que dos seus portos saissem navios em direcção a Portugal, valendo-lhe essa attitude uma resposta perfeitamente correcta do governo prussiano, que era ao mesmo tempo uma censura ao procedimento do ministro e uma lição severa.

José Anselmo Correia Henriques é, de todos, aquelle cujo procedimento mais deveria espantar, se não soubessemos de ha muito que os precursores das revoluções raras vezes comprehendem que são ellas as realisações praticas das suas idéas. E muito provavel que Voltaire houvesse refugido com horror dos homens, que, ao passo que erguiam os cadafalsos em que succumbiam victimas sem numero, lhe faziam a elle uma apothéose estrondosa e extraordinaria.

José Anselmo Correia Henriques era um philosopho, um encyclopedista. A elle devemos a honra dispensavel de termos tambem na nossa litteratura uma imitação da *Pucelle* de Voltaire. Foi elle que escreveu e imprimio em 1806, em Hamburgo, um poema heroi-comico em cinco cantos, intitulado *A Padeira de Aljubarrota*. Voltaire praticára o acto ignobil de pretender ridicularisar com chocarrices indignas do seu grande genio uma das tradições mais sagradas da historia de França, a memoria da ardente criança, que arrastada pelo mais nobre, pelo mais enthusiastico dos sentimentos patrioticos, empunhára com as suas debeis mãos a bandeira da França, arrastada aos pés dos Inglezes, e seguida por uma mocidade fascinada e encantada, a hasteára victoriosa e intrepidamente nos muros das bastilhas reconquistadas aos invasores. José Anselmo, com menos talento, tambem tivera menos culpa. A tradição que elle achincalhára é tambem uma tradição patriotica, mas uma tradição muito menos nobre e muito menos sublime do que a da *Pucelle d'Orléans*,—a tradição de Brites de Almeida. A intenção, comtudo, era a mesma. Se Joanna d'Arc tivesse sido portugueza, teria sido Joanna d'Arc a heroina do poema heroi-comico.

Pois bem! este livre pensador, este imitador de Voltaire, quando

rebentou em Portugal a revolução que prestava homenagem aos principios constantemente prégados pelos philosophos francezes do seculo XVIII, era ministro portuguez em Hamburgo, e declarou á revolução de Vinte uma guerra de morte. Respondeu insolentemente ao secretario de Estado dos negocios estrangeiros, nomeado pelas côrtes, dirigiu ao senado de Hamburgo um protesto contra os actos que se estavam praticando em Portugal, a todo o corpo diplomatico portuguez uma outra circular tambem hostil á Revolução. Na insignificancia do seu logar, que pouco mais valia do que um consulado, entendeu o imitador de Voltaire que podia assumir a direcção do corpo diplomatico portuguez, e emprehender no estrangeiro uma campanha contra as Côrtes, como sete ou oito annos depois a dirigiu contra D. Miguel o marquez de Palmella, que era ministro portuguez em Londres.

Parece que, não contente com isso, ainda foi, depois de demittido, redigir para Londres um periodico intitulado *Zurrague politico das côrt.s novas*. Quando em 1823 o regimen liberal foi supprimido pelo movimento reaccionario de Villa-Franca, ainda José Anselmo, triumphante, lhe vibrou um poema em cinco cantos, intitulado *O Charlatanismo, ou o congresso abolido*.

Assim, a revolução de 1820 encontrava, logo nos seus primeiros passos, a hostilidade d'aquelles mesmos, que a tinham preparado. Os corpos organisados reagiam todos naturalmente contra o movimento revolucionario, e a Revolução não tinha força para os quebrar, porque não assentava ainda em bases certas e definidas. Era visivelmente um movimento prematuro. Não tinha ainda raizes n'um solo que estava já revolvido profundamente, mas em que os germens da nova sociedade tinham ficado á flor da terra.

P. Chagas.

CANÇÃO DA INDIA

A minha tona resume
Os thesouros do meu lar:
Filha d'agua, esteira e lume:
O mais dá-m'o Deus e o mar.

Se Mermugão tem perolas,
Saphiras e ouro, Onor,
Se amores, Angediva,
Brilhantes, Bisnagar,
Eu roço a medo e triste a praia esquiva
E resta ao pescador...
Sómente o mar.

Sou pescador do mar alto,
Nasci na humbrosa Mahem:
Se a noite ergue o mar e eu falto,
Que ha de ser de minha mãe?

Se Mermugão tem perolas,
Se rosas tem Dandim,
Se bellas, Angediva,
Brilhantes, Bisnagar,
Eu deixo sempre ao largo a praia esquiva,
E resta para mim...
Sómente o mar.

É-me abrigo a minha vela:
Sombra, contra o sol mortal;
Calor, se me embrulho n'ella,
Contra o frigido *terral*.

Se Mermugão tem perolas,
Se fadas tem Ponda,
Se glorias, Angediva,
Brilhantes, Bisnagar,
Eu fujo como estranho á praia esquiva,
E resta-me por lá...
Sómente o mar.

Quando a tona se me encosta
Ás palmeiras de Dandim,
Segue-nos por toda a costa
O aroma d'este jardim.

Ceylão tambem tem perolas,
E tem rubís Pegú,
Brilhantes tem Golconda,
Sanguineas Calwar,
E eu passo a vida triste d'onda em onda,
E resta ao pobre nú...
Sómente o mar.

Thomaz Ribeiro.

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA DE SANTO ILDEFONSO

E' uma das egrejas mais formosas da cidade do Porto.

Situada no largo a que dá o nome, tem por base uma magnifica escadaria de granito, que faz realçar a elegancia da sua construcção.

A fachada, como se vê da nossa gravura, é d'uma singeleza encantadora. Sem que a sobrecarreguem brincados ornatos, tem o que quer que seja d'aquella simplicidade que caracterisa a religião em honra da qual foi erecta.

As pinturas interiores são soberbas. Entre todas distingue-se o retabulo do altar-mór, que foi executado em Paris, por Guilherme Correia. Restauradas ha pouco, podem agora admirar-se mais distinctamente todas as suas grandes bellezas artisticas.

UMA PARTIDA DE XADREZ

A scena passa-se no terraço da casa de campo, antes do jantar. Uma scena quasi muda, mas expressiva e animada.

Tres figuras apenas resaltam do quadro, sem contar com o mansarrão *bull-dog*, que dorme placida *somneca*, estirado aos pés da cadeira, e com as pombas brancas de neve, que adejam no azul puro e limpido do espaço.

O velho cachimba satisfeito, com os olhos cravados no taboleiro do xadrez, onde pequeninas peças de marfim, artisticamente trabalhadas, se movem em lances difficeis.

Está contente porque acabou de dar cheque ao rei do parceiro. Atira-lhe risadinhas de mofa e faz ditos picantes, exaltando a sua mestria consummada.

Entregue aos doces prazeres da victoria e ás ineffaveis delicias da jogatina, passa-lhe desperecebido tudo o mais, e não viu ainda que o adversario dera *cheque e mate* ao coração da filha, emquanto elle calculava um movimento escabroso do jogo predilecto.

OS FREGUEZES DA SACRISTIA

Antes da missa conventual, é certo vel-os ali, na sacristia da egreja aldeã, reunidos em congresso.

Chegam isoladamente, um agora, outro logo. Vem primeiro o boticario, fazendo a digestão do que leu nas gazetas. Chega depois o tio Anastacio, um bom homem de lettras gordas, que desadora o liberalismo e os pedreiros livres. O ultimo a apparecer é o regedor: tem sempre entre mãos negocios graves. Falla pouco, porque não deseja comprometter-se e quer servir com todos os governos. Ainda assim, entra nas discussões, quando ellas se acaloram, dizendo sempre que falla por fallar, para dar á taramela, mas que não tem politica definida.

O bom do prior, uma creatura tolerante e honesta, supporta-os nas suas divagações estupendas sobre a guerra da França com a China e ácerca dos projectos de Bismarck.

Se os vê desmandarem-se na palestra, tem um meio seguro para os fazer callar e pôr em debandada: pede-lhes que concorram com o seu obolo para a caixa das Almas ou para a proxima festa a um Santo qualquer.

Os generosos *freguezes* simulam não ouvir a petição, e retiram-se pouco a pouco, á formiga, estando dois ou tres dias sem apparecer no pequenino congresso habitual.

Uns patuscos!

UM EXERCICIO DE NATAÇÃO

Ensinar natação aos filhos, n'aquella nudez provocadora, e expor os nedios pimpolhos ás furias d'aquelle mar revolto, não nos parece coisa muito real, nem muito plausivel, nem muito humana.

Devemos, pois, tomar o quadro como uma arrojada fanthasia do seu author, sujeito de certo propenso a devancios tresloucados.

Se ao menos os pequenitos tivessem azas brancas, vá; dava-se o caso como passado em tempos mythologicos, e havia para tudo explicação.

Mas assim, sem o alvo appendice seraphico... o nosso olhar fixa-se apenas nas fórmas opulentas da mulher, e esquece os formosos rapazelhos da estampa.

Quem nos dera ter por banheiro aquella esplendida beldade, se ella não fosse um mytho!

EM PLENA PRIMAVERA

Inventou Deus esta quadra de proposito para o amor.

Quando dos seus labios se escapou o sublime preceito:—«*Crescite et multiplicamini*» a um aceno da sua mão portentosa fez-se a primavera, floresceram os campos, gorgearam os melros nos balseiros, beijaram-se as avesinhas na ramagem do bosque.

Bem entendido, os rouxinoes e as toutinegras não guardaram para si o previlegio exclusivo d'estes idyllios productores, tendentes a multiplicar a especie.

UMA PARTIDA DE XADREZ (Quadro de Naumann)

UM EXERCICIO DE NATAÇÃO

(Quadro de W. Kray)

OS FREGUEZES DA SACRISTIA (Quadro de G. Knorr)

Amou a natureza inteira, n'um côro universal, e o homem, como sendo o ente mais perfeito e mais *lamecha* da creação, deitou amor ás cegas, delirante e vertiginoso, multiplicando a raça aos milhares, aos milhões.

Se não fosse a primavera permaneceriamos todos na impro ductibilidade do nada, e aquellas duas creaturas felizes do nosso quadro não teriam incentivo para a troca d'uns beijos mornos e languidos, furtados á cancella do parque, pela hora suavemente poetica do pôr do sol.

C. D.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

M. V. Falcoeiras.—Não pode ser. Sonetos, só os admittimos muito bons, de correcção indiscutivel. É praxe estabelecida.

C. de Vasconcellos.—Não satisfazem aos requisitos marcados.

Plauto.—A idéa é boa, mas a forma pecca por incorrecta. Chega a gente a não atinar com o metro dos versos.

W.—Porto.—Será publicado a seu tempo. Ha por cá muitos logogriphos, que vieram antes, e que teem direitos adquiridos. Fica satisfeito?

D. I. M. L. de Mendonça.—É crescidinho, é, mas fica archivado para quando poder ir.

Amador de Moraes.—Um bello soneto, se não fosse o 2.º verso da segunda quadra: «Que tem d'immenso quanto é profundo.» Não poderia modificar toda aquella quadra?

Tom Pouce.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Agora não, mas esta ave de rapina mata-se—2—2.

O tecido das arvores deleita a vista—2—2.

Arouca Seravat.

Desde o nascer até ao pôr do sol, este peso demonstra na geometria—2—2.

Na casaca e na garganta agita o ar—2—1.

Esta preposição é proposição em rethorica—2—2.

O semblante vigia esta embarcação—2—2.

Cartaxo. T. R.

EM QUADRO

. . . . . Animal
. . . . . Verbo
. . . . . Mineral
. . . . . Verbo

H. A. P.

ELECTRICAS

Ás direitas vestem-se, e ás avêssas um reptil amphibio—2

Ás avêssas nas arvores, e ás direitas um verbo—2

Vizeu. F. C. Campos.

EM VERSO

A coisa tem masculino } 2
E lá se mette o carvão. }
Esta é verbo; os da Galliza } 1
Assim dizem «bem». }
Então?
Inda não adivinharam?
É rio; é villa... eu sei cá;
É muita coisa!... Comtudo
Para conceito, aqui está.

C. S. F. P. M.

Ou de traz para deante
Ou de deante para traz
A mesma coisa vereis
O mesmo termo acharás—2.
Cidade digo que sou
Mas não digo aonde estou.

D. Bibas.

ADIVINHAS POPULARES

Eu sou mãe de muitos filhos
E todos commigo tenho,
Para lhes matar a fome
Dou mil voltas, vou e venho.

Os homens me dão governo,
Aos homens governo eu dou.
Quando se esquecem de mim
O meu governo acabou.

CARTA ENIGMATICA

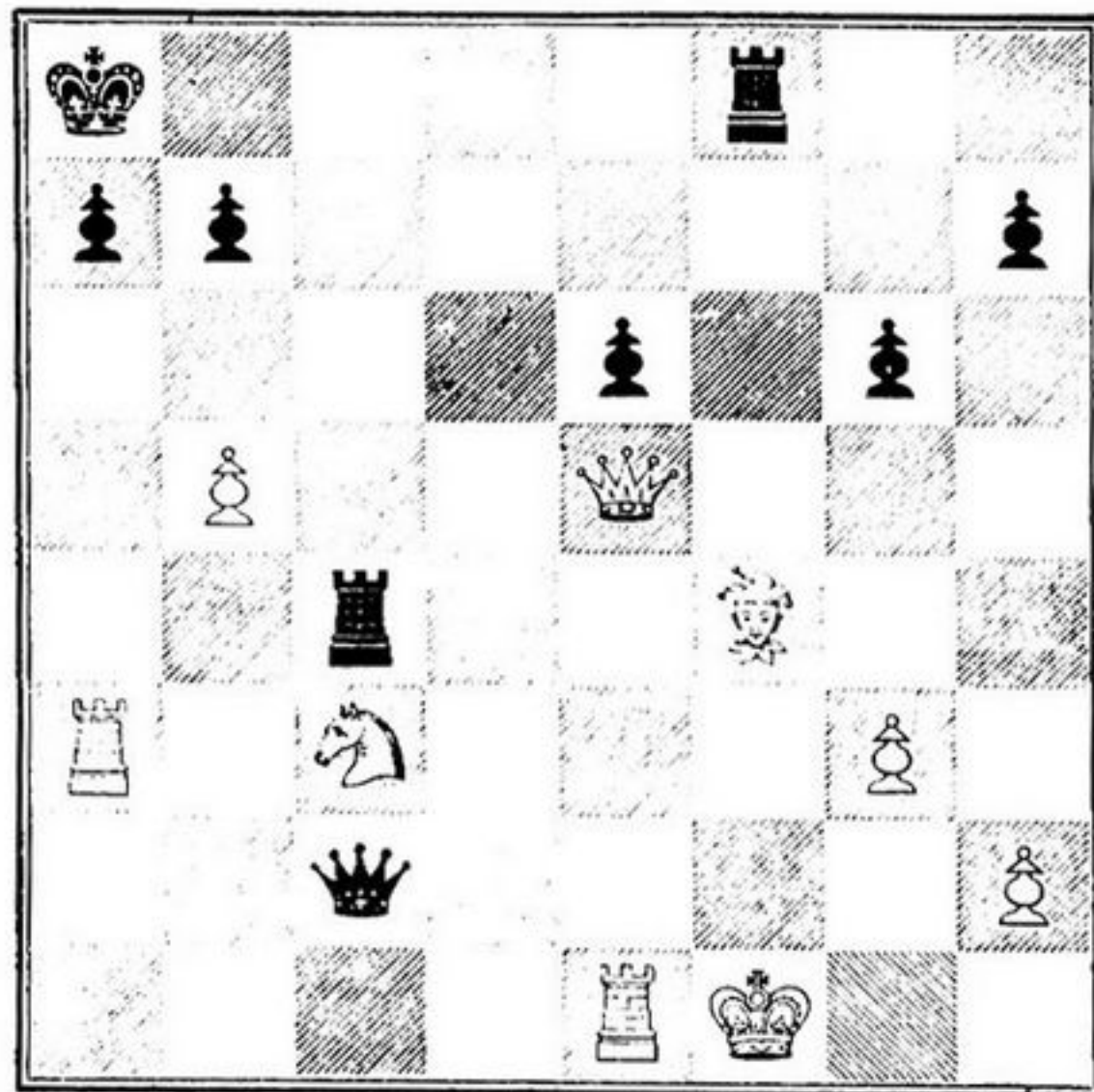
Amigo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11.

Participo-te que o rapaz já 2, 3, 9, 6, 11 a 5, 6, 3, 4, 2 e preparou o 9, 10, 7, 6, 2, 7. O mais 4, 3, 2, 1, 2, 7, 5, 6, será feito com muita brevidade. Tambem já vendeu a 1, 2, 4, 2, 4, 2 à 9, 2, 3, 4, 5, 2, pelo que fiquei muito satisfeito; a 3, 2, 9, 2 ainda se conserva na terra até que o 2, 3, 4, 5, 11, 3 por cá appareça.

Teu amigo,
2, 9, 2, 3, 8.

XADREZ

PROBLEMA N.º 10

NEGROS

BRANCOS

Os brancos jogam e dão mate em quatro movimentos.

LOGOGRIPHO

Se no campo, tu me vês—2—7—8—9
É porque sou vegetal—1—6—3—4—9
E é verdade, acredita,—4—2—8—5
Ser planta medicinal. —1—6—8—9

«Se vir's a mulher perdida,
Não a trates com desdem;
Por que Deus tambem castiga
Não diz quando, nem a quem.»

(Cantiga popular).

Vizeu. O Pequeno Antoninho.

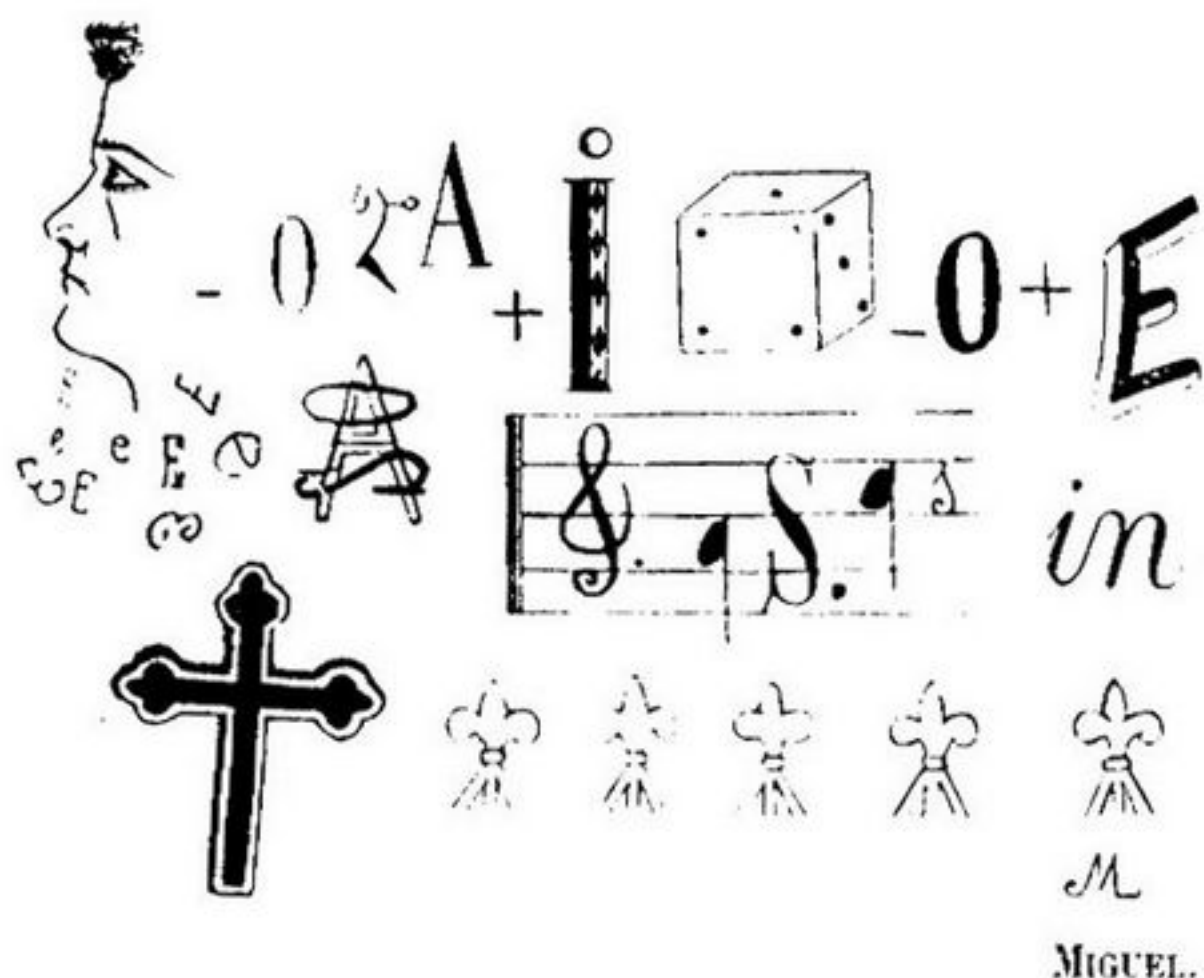
PROBLEMA

Um moribundo, tendo sua mulher gravida, dispoz dos bens da maneira seguinte: Se sua mulher tivesse um rapaz, herdaria este 14 contos e a mãe 7 contos; se tivesse uma rapariga, herdaria esta 7 contos e a mãe 12 contos. O marido fallece e sua mulher tem um rapaz e uma rapariga. Como se deve dividir a herança?

Moraes d'Almeida

ENYGMA PITTORESCO

N.º 6

MIGUEL.

DECIFRAÇÕES

Das charadas.

1.ª—Viridiana.
2.ª—Papaz.
3.ª—Justino.
4.ª—Samouco.
5.ª—Carapau.
6.ª—Sirigaita.
7.ª—Orador.
8.ª—M a l a
a z a r
l a m a
a r a r
9.ª—Argos.
10.ª—Mela.
11.ª—B a r b o
a r i a
r i a
b a
o
12.ª—Candieiro.
13.ª—Relampago.

Das adivinhas populares:

1.ª—Pão.
2.ª—Pião.

Das palavras em triangulo:

A r d e n c i a
r o e d o r a
d e f e r e
e d e m a
n o r a
c r e
i a
a

Xadrez—Solução do 9.º problema:

BRANCOS	NEGROS
1. R. a 6 C. D.	1. P. faz D.
2. C. 6 B. D. cheque.	2. R. casa B. D.
3. P. 7 D. cheque e mate.	
ou	
1. R. 6 C. D.	1. R. casa B. D.
2. C. 6 B. D.	2. P. faz D.
3. P. 7 D. cheque e mate.	

Do logogripho:—Loteria.

A RIR

Á meza redonda d'um hotel:
—*Vocencia* serve-se de presunto, minha senhora?
—Com todo o gosto... Eu morro por tudo quanto é porco!...

*

F... perdeu a sogra ha dois mezes, e mandou gravar no seu jazigo esta inscripção:
«Só cuidava da minha felicidade e provou-o, morrendo.»

*

Uma senhora persuade-se de que lhe entraram ladrões em casa. Assustada, pede soccorro, grita desesperadamente, mas só lhe apparecem as creadas.

—Como assim! diz ella, cheia de indignação; pois vocês são nada menos de quatro, e nenhuma tem soldado da guarda municipal?!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Recommendamos o seguinte remedio para debellar as constipações rebeldes.

Misturem-se tres colheres de sopa, de boa aguardente, com outras tres de xarope de avenca, e deite-se a mistura n'uma chavena cheia de infusão quente de flores de violeta.

Á noite, depois de deitado, beba-se a tisana e repita-se o remedio nas duas noites seguintes.

Em tres dias a constipação terá desapparecido completamente.

As pessoas de constituição fraca podem empregar só duas colheres d'aguardente, em logar de tres.

A SEREIA

(A EX.ma SR.a D. MARIA DE MORAES PINTO BOUTEL)

Clotilde sentia uma tristeza profunda e lancinante, que lhe trespassava o coração lentamente, como o ferro agudo e frio de uma lanceta.

Em torno d'ella enxameava um ruidoso grupo de raparigas e rapazes, que não pensavam senão em inventar divertimentos, mais ou menos interessantes, destinados a preencher todas as horas da villegiatura, desde o romper do sol até á meia noite.

Os *pic nics*, as pescarias, as burricadas, as *soirées* succediam-se com vertiginosa presteza: o piano do Club esfalfava-se, de noite e de dia, ganindo sem cessar, expectorando sem interrupção polkas, walsas, lanceiros, suecas.

Os idyllios floresciam profusamente, brotando a cada instante do cruzamento dos olhares que se procuravam, do enlace das mãos que se uniam, da affinidade dos gostos que se encontravam...

O outono começava a estender no horisonte as suas pinceladas de uma pallidez ondeante: os crepusculos mergulhavam-se em tintas de uma côr esbatida, afogueada em subitos incendios e logo extincta em uma lividez doente, como as faces dos phthisicos.

O mar reflectia todas as manhãs e todas as tardes, como um colossal espelho, os caprichosos panoramas das nuvens, ora acastelladas em fantasticas montanhas de bronze, orladas de franjas de arminho, ora lançadas atravez do azul, em bandadas de passaros gigantes, ora contorneando em um fundo ensanguentado baixos relevos extravagantes, cabeças de esphinges, chymeras de ventres obesos e risos grotescos, cegonhas de pescoços hirtos, mastodontes fabulosos.

E á medida que o inverno se avisinhava, annunciando-se, de vez em quando, nos roncos do mar, uivando ao longe, por entre neblinas da madrugada, desfazendo-se em gotas de chuva, redobrava o furor dos *pic nics*, a febre das walsas, a ancia dos idyllios.

Só Clotilde parecia não tomar parte n'essa alegria doida, em que se sentia a palpitação do sangue moço, restaurado dos enervantes cansaços da cidade no tonico fortificante do banho, no amplo espaço lavado pelas emanações sadias das ondas e pelos cheiros aromaticos do pinhal.

Clotilde apparecia nos *pic nics*, nas *soirées*, nos passeios, acompanhando a sua familia, que era uma das mais aristocraticas, mas apparecia com um automato, guardando nos labios vermelhos e frescos a dolorosa contracção de um segredo, deixando adivinhar na profundidade melancolica dos seus bonitos olhos azues a sombra de uma preoccupação, envolvendo-se em um silencio pertinaz, a que ninguem, por mais habil, conseguia arrancar senão raros monosyllabos contrafeitos.

Á noite, no Club, quando Macario imperativo batia com as suas mãos de ebano no teclado, fazendo-o explosir em descargas de polkas e walsas, e os pares gyravam, com palpitações multicores de borboletas adejando em torno da chamma que deverá queimal-as, Clotilde ia esconder-se no terraço, e ahi, com os olhos perdidos nas ondas que fustigavam os rochedos, coroando-os de

penachos brancos, alastrando-se depois em cauda ondulante, bordada de escamas de prata, scintillando percutida pelo luar; escutando a grande voz sonora do mar, onde parece que suspiram todas as saudades da terra, dulcificadas, á noite, pelas gottas de luz que chovem das almas das estrellas, deixava cair a fina cabeça espirituosa no concavo das mãos e chorava convulsivamente.

Clotilde amava, com um d'estes amores impetuosos, unicos e fataes, que só se experimentam uma vez na vida, que absorvem a seiva dos corações e matam, quando são atraiçoados.

EM PLENA PRIMAVERA (Quadro de W. Umberg)

Tinham-se encontrado, pela primeira vez, havia um anno.

Alguns mezes depois, Jorge de Gusmão pedia Clotilde: o casamento fixara-se para a epoca em que o padrinho de Clotilde regressasse do Rio de Janeiro.

Jorge amava Clotilde com o amor tranquillo e moderado dos que desconhecem a duvida e confiam cegamente na realisação dos seus votos.

Clotilde amava Jorge com uma paixão torturante, assaltada de ciumes, pungida de continuos sobresaltos.

Uma manhã, na praia, appareceu de repente, sem se saber d'onde vinha, uma mulher elegantissima, vestida com uma coquetterie diabolicamente provocante, tendo nos gestos, no andar, no modo especial de subtilisar as mais insignificantes palavras, um refinamento de mundanismo, de uma seducção irresistivel!

Os homens, estonteados, mordidos de curiosidade, reuniram-se em conciliabulo: no dia immediato, juntaram-se todos na praia para assistirem ao banho da formosa desconhecida.

Quando ella saiu da barraca de lona, um grito resoou na praia. Vinha deveras encantadora, vestida com um garrido fato escarlate, bordado de branco, que lhe desenhava as curvas harmoniosas dos hombros, a linha serpentina do corpo, descobrindo-lhe os braços, picados de covinhas appetitosas, de uma alvura nacarada; um cinto de chagrin apertava-lhe a cintura breve e flexivel: mas a grande belleza da coquette eram os cabellos, que trazia soltos nas espaduas, uns cabellos abundantes e ondeados, de um loiro ardente, com scintillamentos fulvos e opulencias de juba indomita.

Atirou-se á agua, rindo-se nas perolas dos dentes, e nadou como uma sereia, fendendo serenamente o azul saphira da onda, que desdobrou, para embrulhal-a, o seu alvo lençol de espuma.

Desde então, chamavam-lhe a *Sereia:* não se fallava senão nos cabellos loiros da *Sereia;* a novidade, como succede sempre nas praias, tomou as proporções de um acontecimento.

Formou-se entre os homens uma especie de liga offensiva e defensiva: tratava-se de saber qual ganharia a palma da victoria, n'esse torneio de corações seduzidos pelos encantos da *Sereia*.

Jorge não escapou ao contagio; e Clotilde, a quem se tornaram suspeitas as repetidas ausencias, as continuas distracções do noivo, Clotilde que teve logo uma *bondosa* amiga, informadora officiosa, que lhe referiu, muito prolixa, os passeios de Jorge na direcção do moinho, as suas sentinellas na praia, os seus extasis defronte de certa janella, Clotilde sentia-se morrer, dilacerada pela vibora do ciume, que se lhe enroscara no coração.

Jorge não deixara de amar Clotilde: amava-a a seu modo, preferindo-a a todas, mas permittindo que todas, de formas varias e aspectos mais ou menos correctos, viessem, alternadamente, assentar-se á meza lauta do seu coração—estalagem.

Os cabellos loiros da *Sereia* traziam-o meio doido: via-os a todo o instante, no espelhamento fulvo das suas ondas de seda doirada: sonhava, febril, com a possibilidade de mergulhar as mãos n'esse mar de oiro fluido, exuberante de perfumes: o typo da *Sereia*, typo forte, de carnes turgidas e duras como o marmore, não era o ideal de Jorge: Jorge não se importava inteiramente nada com a mulher: a sua paixão, o seu delirio, o seu obcecante pezadelo era o cabello da *Sereia*, essa juba de chammas que lhe queimava o sangue!

*

De repente, Clotilde deixou de estar triste, e appareceu radiante de felicidade, doida de alegria!

O noivo, cada vez mais apaixonado, cessou de ausentar-se, não a deixando um instante, envolvendo-a em longos olhares de uma ternura intensa, beijando-lhe as mãos, tremulo de commoção, beijando-lhe, doido de amor, o cabello, o cabello sobre tudo, e instando, todos os dias, com o pae para apressar o casamento.

*

Oito dias antes, Jorge, arrastado pela paixão capillar que o desvairara, instigado pela tentação de beijar, em um furtivo relance, o cabello da *Sereia*, entrou arrebatadamente na barraca de lona.

Mas a esplendida juba loira estava pendurada em uma corda a enxugar, e o que o olhar horrorisado de Jorge viu foi uma cabeça calva, immergindo de um lençol turco!

GUIOMAR TORREZÃO.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA